

Literatura itinerante: notas sobre a "Revista Literaria" de El Correo de Ultramar

Itinerant literature: notes on El Correo de Ultramar and its "Revista Literaria"

Mariana Teixeira Marques

Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, SP, Brasil

Resumo: "*Mas aislados se encuentran, desunidos/esos pueblos nacidos para aliarse*": assim começava o quinto verso do poema – eco de um apelo à união dos povos latino-americanos – do diplomata colombiano José Maria Torres Caicedo no periódico *El Correo de Ultramar, periodico politico, literario, mercantil e industrial*, de 1857. O jornal parecia querer cumprir essa missão. Publicado em língua espanhola em Paris, era distribuído em inúmeras cidades em toda a América. Examinando a publicação, a partir de 1844, dos *Mistérios de Londres*, de Paul Féval, em sua *Revista Literaria*, nosso objetivo é sugerir uma abordagem possível do "roman-feuilleton" em sua primeira fase.

Palavras-chave: Século XIX. Periódicos. Literatura seriada. Romance-folhetim.

Abstract: "*Mas aislados se encuentran, desunidos/ esos pueblos nacidos para aliarse*": this is how the fifth line of the poem by Colombian diplomat José Maria Torres Caicedo starts – echoing a call for the union of the Latin-American peoples – in the periodical *El Correo de Ultramar, periodico politico, literario, mercantil e industrial* in 1857. The publication seemed to aim at accomplishing this mission. Published in Spanish in Paris, it was distributed in various cities all over America. By looking at the publication in its *Revista Literaria*, from 1844 on, of the *Mysteries of London*, by Paul Féval, our objective is to suggest a possible approach to the "roman-feuilleton" in its first phase.

Keywords: Nineteenth century. Periodicals. Serialized literature. *Roman-feuilleton*.

No dia 5 de setembro de 1842, saía em Paris o primeiro número do periódico *El Correo de Ultramar*, descrito no subtítulo como “*periódico político, literário, mercantil e industrial*”. A publicação tinha duas particularidades já anunciadas no cabeçalho. Primeiramente, tratava-se de um jornal bilíngue – *El Correo* era redigido essencialmente em espanhol, com alguns textos em francês. Depois, havia a impressionante extensão de sua distribuição, pois era enviado, de Paris, a mais de quarenta cidades em todo o continente americano, entre as quais Nova York, Havana, Kingston, Bogotá, Caracas, Buenos Aires, Montevideú, Lima e, claro, Rio de Janeiro. *El Correo* era publicado seis vezes por mês.

A parte “política”, “mercantil” e “industrial” de *El Correo* consistia numa coleção de artigos curtos que resumiam as novidades, em cada um desses âmbitos, em diferentes países da Europa, de acordo com as atualidades. A parte “literária” tinha regalias especiais, com direito a um Suplemento e, depois, uma *Revista Literaria*, que continham não somente textos literários – folhetins, poemas e textos críticos –, mas também biografias e, como ditava o gosto da época, uma variedade de outros artigos que davam notícia da vida cultural parisiense e da última moda na capital francesa, inclusive com ilustrações. Na última página desses cadernos especiais, o leitor (ou leitora) encontrava uma partitura para animar seus saraus com música vinda do continente europeu.

Como já podemos antecipar, o público-alvo de *El Correo* e de seus suplementos era a elite “*hispanohablante*” de todas essas cidades em que o periódico era vendido por representantes comerciais – os quais, diga-se de passagem, colocavam também à disposição de seus leitores locais todos os produtos que eram anunciados no periódico. E a demanda parecia ser grande, pois o jornal circulou de 1842 até 1886, tendo sempre Paris como local de publicação. A partir desses elementos iniciais, concluímos rapidamente que um periódico dessa natureza tinha, como função primordial, irradiar a cultura francesa, sob diferentes prismas, ao leitor (ou leitora) que aguardava ansiosamente as notícias e o *dernier cri* da moda e da cultura vindos de Paris.

Porém, essa conclusão – ainda que certa – acaba por encobrir dois problemas que o crítico literário que trabalha com documentos dessa natureza não tem como evitar. O primeiro diz respeito a certo ímpeto descritivo que se impõe, é fato, diante da quantidade de material que os arquivos têm revelado, mas que pode inibir o que interessa, ou seja, que sejam colocadas verdadeiras questões a esses objetos de estu-

do. A descrição como fim em si é claramente insuficiente e apresenta o risco de fazer com que o crítico desvie dos pontos verdadeiramente relevantes, contentando-se com os “dados” que o material oferece, sem procurar compreender o que estes revelam e escondem.

O segundo problema, diretamente associado ao primeiro, se refere mais especificamente ao estudo dos textos literários nesse contexto. Com o desejo (certamente bem intencionado) de valorizar o material repertoriado, corre-se o risco, de um lado, de supervalorizar produções que podem ser apenas mercadorias; e, de outro, de

submergir [...] no mundo subletrado das produções paradidáticas, pedagogizantes [...] que sempre aparentam tomar o lado destemido do mais fraco, [...] da história literária dos autores minúsculos, tudo em nome da apropriação heroica que resiste à ordenação autoritária do autor, da cultura erudita e das classes dominantes. (PÉCORRA, 2001, p. 16).

Aparentam, já que é raro que tais tomadas de posição impliquem, de fato, uma abordagem radical do sistema literário que têm como objeto de estudo. Aliás, muito pelo contrário: posicionamentos a favor da “reabilitação” ou da recuperação de autores excluídos do cânone podem servir mais para reforçá-lo do que para questioná-lo.

Tendo esses dois problemas como pano de fundo, portanto, interessa sugerir algumas pistas para uma possível abordagem do romance-folhetim francês em sua primeira fase (para retomar os termos de Marlyse Meyer) a partir da publicação, na *Revista Literaria* do *Correo de Ultramar* desde abril de 1844, dos *Mistérios de Londres*, de autoria de Paul Féval – texto que apareceu sob o pseudônimo de Francis Trollope. Antes de passar a elas, vale fazer um breve desvio para lembrar quem era e de onde saía o autor desses *Mistérios*.

Paul Féval, bretão de carteirinha, tinha ido de Rennes para Paris em 1839 para tentar a vida como escritor e não vinha conseguindo muito sucesso em suas empreitadas. Foi quando Anténor Joly, proprietário do jornal *Courrier Français*, o escalou às pressas para cobrir o fiasco de outro folhetinista ao qual haviam sido encomendados uns *Mistérios de Londres*, na esteira do sucesso dos *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue. Diante da pífia qualidade do material apresentado, Joly pediu a Féval que assumisse a tarefa de reescrever o folhetim – que, aliás, garantiria a fortuna do jornal

e o primeiro “semissucesso” de Féval no implacável mundo das letras na Paris de meados do século. Pouco importava que o escritor nunca tivesse colocado os pés em Londres: a ideia era mesmo pegar carona na imensa popularidade do romance de Sue, apelando ainda para um argumento de venda que valia desde o século XVIII, “traduzido do inglês”.

O romance interessou rapidamente os proprietários e editores do “internacional” *El Correo* para ser publicado em sua *Revista Literaria*. Quais seriam as possíveis razões para esse interesse – para além do “sucesso” do folhetim no *Courrier Français*? Em que medida essa obra de ficção se adequava ao ponto de vista ideológico adotado pelo periódico? Em artigo que procura compreender a perspectiva apresentada em *El Correo* em relação à ciência, Catherine Sablonnière indica que a *Revista Literaria Ilustrada* expunha uma visão de mundo de índole progressista, apesar de sua posição apolítica (SABLONNIÈRE, s.d.). Trata-se de um argumento que poderia facilmente ser “aplicado” à presença da literatura no periódico, ainda mais em se tratando de folhetim, gênero que, por se centrar na peripécia, “apela para o que há de mais elementar no leitor, confundido nesta hora à criança, ao homem rústico, ao primitivo, na fascinação pela magia gratuita da fábula” (CANDIDO, 2012, p. 445), o que o distanciaria, pelo menos em algumas de suas facetas, de um *parti pris* realista. Porém, é importante lembrar que a literatura seriada estava inserida num contexto mais amplo, que incluía todos os outros textos do jornal, sua linha editorial ou ainda o diálogo com a concorrência. Assim, uma leitura do primeiro número de *El Correo* nos afasta da alternativa sugerida por Sablonnière.

Nesse primeiro número, o patrocinador do periódico, Adolphe Granier de Cassagnac – homem de imprensa e, não por acaso, influente proprietário de terras nas Antilhas –, escreve um editorial em que estabelece, claramente, as diretrizes do periódico. Cassagnac argumenta que todas as colônias que Espanha e França possuem atualmente nas “Índias Ocidentais” estão em conformidade de interesses e têm um único inimigo comum, a saber, a Inglaterra, nação caracterizada por um “refinado e insaciável egoísmo” e aspirante “ao monopólio do comércio do mundo” (EL CORREO..., 1882). E continua, enumerando todas as vilezas do Império Britânico pelo mundo afora – por exemplo, os ingleses defendem a escravidão em Santa Helena, enquanto tratam de aboli-la na Jamaica; propagam o absolutismo em Constantinopla, mas priorizam ideias liberais em Madri, como se sua posição ainda não estivesse suficientemente clara,

completa: “não busquemos jamais na política inglesa outro objeto além do de dominar e de arruinar as nações” (EL CORREO..., 1882).

Seguindo essa linha argumentativa, Cassagnac dá provas de uma visão bastante clara tanto da internacionalização do capital com base no esquema colonial quanto da supremacia evidente da Grã-Bretanha. É nesse sentido que compreendemos sua defesa fervorosa da união dos povos caribenhos contra o “inimigo comum” que quer tudo para si:

Os habitantes da Martinica, da Guadalupe, de Porto Rico e de Cuba devem, portanto, unir-se uns aos outros para que a política inglesa não consiga separá-los. Independentemente da união de seus respectivos governos, estão associados [os habitantes] entre si por seus interesses e pela identidade de sua sorte futura: a sociedade colonial é um grande edifício, do qual é necessário impedir que a desordem arranque uma pedra porque, ao retirá-la, o edifício todo correria perigo, e o golpe dado em Port-Royal ou em Point-à-Pitre ressonaria com fatal energia em Havana, em San Juan ou em Nova Orleans. (EL CORREO..., 1882).

Mas o que tudo isso tem a ver com os *Mistérios de Londres*, de Paul Féval? Curiosamente, esse romance-folhetim, publicado em tradução espanhola por “D. J. de M.”¹ na *Revista Literaria* de *El Correo*, apresenta, como um dos epicentros de suas peripécias, uma história de vingança: a do irlandês Fergus O’Breane, que teve sua irmã “desonrada” por um aristocrata inglês e viu o pai morrer de tristeza por conta dessa desgraça. Envolvido num duelo (contra um inglês, evidentemente), Fergus acaba sendo preso e deportado, mas volta a Londres vinte anos mais tarde, com o nome falso de Marquês do Rio Santo (um brasileiro!), transformando-se no rei da sociedade mundana da capital e, principalmente, no chefe de uma sociedade secreta que tem como objetivo último minar o poderio inglês e liberar a Irlanda e a Escócia, de uma vez por todas, do jugo imperialista.

Não se trata de afirmar, com isso, que o periódico se limitava a publicar textos literários em concordância quase literal com sua agenda política – também foram publicadas histórias de “Alejandro” Dumas e de

1 Nos exemplares de *El Correo* a que tivemos acesso, notamos que a tradução para o espanhol é bastante fiel ao texto original francês. Como nossa intenção não é propor um estudo comparativo das duas versões, optamos por citar, quando oportuno, o original em francês, tendo em vista que não tivemos contato com a tradução dos *Mistérios de Londres* por completo em *El Correo*.

“Federico” Soulié que nada tinham a ver com a querela com os britânicos; é também verdade que o folhetim de Féval, publicado originalmente, como já mencionado, no *Courrier Français*, teve grande popularidade em Paris, como ocorreu com os inúmeros outros romances no mesmo estilo – daí *Os Mistérios da Rússia*, *Os Mistérios de Bruxelas* e até mesmo *Os Mistérios de Buenos Aires*. No entanto, parece interessante atentar para o fato de que o jornal que Cassagnac idealizara como o porta-voz de uma atitude ativa dos habitantes das colônias contra a política inglesa tenha escolhido publicar, logo em seus primeiros anos de existência e com fins de “entreter” leitores em mais de quarenta cidades em todo o continente americano, exatamente esses *Mistérios* que relatam o rancor de Fergus-Rio Santo e a sua vingança contra os ingleses.

Interessa mais ainda refletir sobre esse elemento quando observamos que o romance de Féval trata muito pouco da capital inglesa (ficcionalizada, bem entendido), mas coloca em cena, de modo bastante imediato, na caracterização dos personagens com nomes à l’anglaise – como Tom Turnbull, Bob-Lantern ou M. Smith, que leem o *Times*, correm atrás de “bank-notes” e fogem de “policemen” –, algumas das fantasias mais lúgubres que cultivava, a respeito dos ingleses, uma parte da elite francesa, parisiense, proprietária de terras e complexada diante do indiscutível poderio imperial britânico. Nesse contexto, o escocês Stephen Mac-Nabé, um “jovem valente”, segundo o narrador, “terá nesta história um papel recomendável”, enquanto os ingleses de origem concentram as mais variadas falhas de caráter – como verificamos na figura de Brian de Lancaster, filho de conde e “um dos jovens príncipes da moda”, que vivia de maneira ociosa e irrefletida. A soberba, característica dos londrinos, especialmente, se revela neste trecho que descreve a entrada do marquês de Rio-Santo no *monde* daquela capital: “para se fazer muito efeito nesta cidade orgulhosa, deve-se ser selvagem, ou dançarina profissional ou, pelo menos, um carneiro com quatro chifres. Rio-Santo não era nada disto. Era somente um marquês.” (FÉVAL, tradução nossa).²

Resta à Londres dos *Mistérios* de “Trolopp” uma construção mediada pela experiência de cidade que Paris oferecia naqueles meados do século. Entre as ruelas do *bas fond*, as lojas dos comerciantes, os “salons” frequentados pela nobreza e os “boudoirs”, sobram muito poucas

² “Pour faire beaucoup d’effet dans cette ville orgueilleuse, il faut être osage, bayardère, ou pour le moins bélier à quatre cornes. Rio-Santo n’était rien de tout cela. Ce n’était qu’un marquis.”

referências possivelmente londrinas, a não ser os nomes dos bairros. Mesmo assim, as descrições não são muito lisonjeiras. No capítulo XV da primeira parte do romance, o narrador descreve a vida teatral daquela cidade nos seguintes termos:

Em Londres, as pessoas *comme il faut* (gentle people) vão ao templo mais do que ao espetáculo e, de fato, Saint-Paul vale mais do que Drury-Lane. [...] Uma excursão a Drury-Lane é uma exceção, uma caravana, uma devassidão. Uma viagem a Adelphi-Theatre ultrapassa os limites da excentricidade mais desavergonhada. Quanto a Convent-Garden, ali se encenam as peças de Shakespeare. Francamente, quem você quer que vá escutar e ver as rapsódias do velho Will? (FÉVAL, tradução nossa).³

Enquanto Shakespeare interessava como modelo positivo a autores como Stendhal e, mais tarde, Hugo, o julgamento a respeito da obra do dramaturgo inglês expressado pelo narrador no romance de Féval vai no sentido oposto.

Se o teatro não era lugar de frequência recomendável no folhetim de Féval, o que dizer das tavernas? Álcool e violência transformam o “pub” de Mistress Burnett no cenário de tensões constantes, e o mesmo ocorre na descrição de outros ambientes afastados do circuito da aristocracia ou dos remediados como Mac-Nab. Nesse sentido, o folhetim de Féval não se afasta muito do que o leitor encontra nos *Mistérios de Paris*. A diferença reside no fato de que, como explica Jörg Türschmann, apesar de pertencerem à mesma geração de folhetinistas, Paul Féval tinha muito pouco em comum com Eugène Sue. É conhecida a mudança pela qual Sue passou durante a redação de seus *Mistérios*: ter conhecido de perto a miséria dos operários “de verdade” fez com que ele fosse “convertido ao socialismo em decorrência da própria obra” (MEYER, 1996, p. 70) e, eleito deputado socialista em 1850, terminasse por morrer no exílio, em Anancy, depois do golpe de Estado do 18 Brumário. Féval, ao contrário, era “conservador”, “legitimista” e católico convicto. No seu caso, escrever

3 “À Londres, les gens *comme il faut* (gentle people) vont au temple plus qu’au spectacle, et de fait, Saint-Paul vaut infiniment mieux que Drury-Lane. [...] Une excursion à Drury-Lane est une exception, une caravane, une débauche. Un voyage à Adelphi-Theatre passe les bornes de l’excentricité la plus dévergondée. Quant à Covent-Garden, on y joue les pièces de Shakespeare. De bonne foi, qui voulez-vous qui aille entendre et voir les rapsodies du vieux Will ?”

sobre a pobreza da população “londrina” tinha o intuito primeiro de atacar as políticas inglesas e defender, no mesmo lance, uma suposta supremacia francesa. Não se tratava de defender uma posição política radical, mas unicamente de substituir uma elite do capital europeu pela outra.

Em última instância, sua crítica, apesar dos ares de denúncia, era extremamente conservadora no sentido de apontar para os riscos, sob o ponto de vista da burguesia da França, de que a internacionalização do sistema econômico, representada pela hegemonia financeira e pelo modo de vida ingleses, favorecesse um outro tipo de internacionalização, a dos trabalhadores – não custa lembrar que Marx estava escrevendo, entre abril e agosto de 1844, seus *Manuscritos econômico-filosóficos*. Aproveitando-se da aproximação entre o romance-folhetim e as questões sociais, Féval se lança numa campanha que parece solidária com a sorte dos “excluídos” – escreve outras duas histórias em que inclui descrições das condições de vida sofridas dos operários londrinos –, mas que defende, de fato, o *status quo* ao sugerir, contra o capitalismo “à inglesa”, uma fidelidade às tradições nacionais arraigadas na França, o que só manteria as coisas como elas estavam.

O folhetim, como gênero literário, se presta com facilidade a truçagens dessa natureza em função de uma estrutura ao mesmo tempo flexível e rígida, definida por sua história, a qual está intrinsecamente associada à própria história do jornal ao longo do século XIX. A flexibilidade fica por conta da natureza volátil do folhetim, cujo espaço no jornal abriga, de início, o comentário cultural ou científico, e depois vai sendo dominado pela ficção, sendo que, tanto no primeiro quanto no último, a atualidade tem primazia temática – sejam os *faits divers*, a construção das ferrovias ou as relações da França com outros países. A rigidez tem a ver com uma estrutura narrativa particular – nesse sentido, aliás, diferente do romance moderno –, centrada basicamente na peripécia e no recorte, o que torna plausível a ideia de que a fórmula possa ser reproduzida incessantemente, com algumas alterações de cenário e de personagens.

Por essas duas características, parece pouco proveitoso abordar o romance-folhetim pelo viés da sua popularidade como argumento último contra a suposta elitização sugerida pela literatura para os “happy few”. Defender o “sucesso” dos *Mistérios de Londres* como uma prova contundente no sentido de “revalorizá-los” e, no mesmo lance, reavaliar seu lugar na história literária é tiro que pode sair pela culatra, pois não só não explica muita coisa sobre o romance ou seus leitores

como ainda pode exigir do crítico certos malabarismos para fundamentar uma valorização estética à qual o material não corresponde. Isso posto, há folhetins e folhetins. E é nesse sentido que interessa sugerir uma perspectiva que evite a armadilha das descrições generalizantes e das porcentagens e observe, de perto, como esse gênero tão peculiar se organiza, em suas manifestações individuais.

O estudo do romance-folhetim dessa “primeira fase” – da qual fazem parte, além dos *Mistérios de Londres* e dos *Mistérios de Paris*, *O judeu errante* e *O Conde de Monte-Cristo*, entre tantos outros – pode se tornar mais esclarecedor levando-se em consideração uma série de elementos de natureza diversa. Primeiro, pode ser útil contextualizar o veículo de imprensa em que o folhetim em questão foi publicado (o *Courrier Français* é um jornal muito mais “comercial”, menos preocupado com análises políticas sérias do que, por exemplo, o *Constitutionnel*, em que Sainte-Beuve publicava os seus *Lundis*) e a história de sua publicação no tal periódico (as idas e voltas, interrupções etc.), inclusive no que se refere a questões associadas ao mercado da imprensa no século XIX. Depois, interessa atentar para o modo como o texto se constrói de acordo com a lógica de uma estrutura ao mesmo tempo flexível – aberta à atualidade das notícias e do clamor popular – e rígida em seus esquemas e fórmulas. Ao mesmo tempo, vale observar como esse tipo de narrativa desenvolve suas “exigências próprias de cortes de capítulo, de fragmentos” que, ainda assim, não destroem “a impressão de continuidade e totalidade” (MEYER, 1996, p. 63) em diversos níveis – tanto na organização do espaço e do tempo quanto na caracterização dos personagens ou na elaboração da trama.

Nesse sentido, o estudo do caso da publicação “itinerante” do romance-folhetim de Paul Féval na *Revista Literaria do Correo de Ultramar* serve para reforçar esse caminho para se lidar com a literatura folhetinesca, pelo menos em sua “primeira fase”, na qual essa adquire significados menos previsíveis se tomada no movimento que oscila do geral – o papel do periódico como ferramenta ideológica, inclusive para além das fronteiras europeias – ao particular – a própria organização do texto do folhetim, seu alcance e fôlego como obra de ficção e “produto” num mercado de literatura popular verdadeiramente internacional. Em adequação com a agenda política do periódico, os *Mistérios de Londres* funcionam na contramão de certa perspectiva da cultura inglesa que pode ser vislumbrada em outros veículos de imprensa circulando em Paris na mesma época – a *Revue des Deux Mondes*, publicação que se diri-

ge a outro tipo de leitores, por exemplo, publica frequentemente textos críticos nos quais se afirmam entusiasmo e interesse tanto pela literatura inglesa quanto pelos autores além-Mancha.

Afinada com uma perspectiva bem menos elogiosa da cultura inglesa, e certamente mais “protecionista” e conservadora – possivelmente retomando uma rixa arraigada e “popularesca”, de longa data, entre ingleses e franceses –, a narrativa de Féval parece se desdobrar em termos de enredo, de espaço e tempo, assim como na construção de personagens, num movimento de aproximação e afastamento da lógica estrutural do folhetim. Tais pistas de análise parecem indicar caminhos mais proveitosos ao crítico literário na medida em que não se descolam do texto nem se deixam deslumbrar pelo sucesso de vendas dos *Mistérios* na *Revista Literaria* de *El Correo*, mas procuram compreender o objeto em suas limitações e complexidade.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos 1750-1880. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

EL CORREO DE ULTRAMAR: PERIÓDICO POLÍTICO, LITERARIO, MERCANTIL E INDUSTRIAL. Paris: [s.n.], ano 1, n. 1, 5 set 1842.

FÉVAL, Paul. **Les mystères de Londres**. Disponível em: <<http://archive.org/stream/lesmystresdelo0506fv#page/n7/mode/2up>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PÉCORA, Alcir. Introdução. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 9-17.

SABLONNIÈRE, Catherine. **El Correo de Ultramar (1842-1886) y la ciência**: entre labor educativa y propaganda política. Rennes: Université de Rennes II, s.d. Disponível em: <<http://historiadores-delaprensa.com/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.